

FACULDADE DE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

RAÍSSA MENDES CÂNDIDO MOURÃO

**PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE: resgatando
saberes no processo psicoterápico**

PATOS DE MINAS
2015

FACULDADE DE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

RAÍSSA MENDES CÂNDIDO MOURÃO

**PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE: resgatando
saberes no processo psicoterápico**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia para finalidade de obtenção do título de Bacharel em Psicologia, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Leonardo Carrijo
Ferreira

PATOS DE MINAS
2015

FACULDADE DE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

RAÍSSA MENDES CÂNDIDO MOURÃO

**PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE: resgatando saberes no
processo psicoterápico**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 20 de
Outubro de 2015.

Orientador: Prof. Me. Leonardo Carrijo Ferreira
Faculdade de Patos de Minas

Examinador 1: Prof. Me. Gilmar Antoniassi Júnior
Faculdade de Patos de Minas

Examinador 2: Prof. Me. Guilherme Bessa Ferreira Pereira
Faculdade de Patos de Minas

DEDICO este trabalho aos meus pais que sempre foram amor e caminho e a todos que acreditam na essência divina que habita em cada um de nós.

AGRADECIMENTO

A Psicologia sempre esteve comigo, seja na minha curiosidade de incansáveis porquês, no amor a toda natureza e ser vivo ou na vontade de abraçar o mundo mesmo com meus pequenos braços de criança... Pois aqui estou.

Depois de algum tempo percorrendo por um caminho de flores e pedras, surpresas e descobertas, triunfos e quedas, enfim, chegamos ao lugar tão sonhado. Digo chegamos, por que com certeza não venceria esta etapa sozinha.

Agradeço primeiramente ao meu Pai maior, essa presença superior e infinita de amor que tem cuidado constantemente de cada passo meu.

Agradeço de todo o meu coração à minha maravilhosa família, especialmente aos meus pais por me dedicarem tudo o que são, me ensinando, amando e acolhendo sempre, mas especialmente por acreditarem que eu era capaz de alçar meus próprios voos.

Ao meu marido, por ser tão incrível em sua paciência e compreensão e simplesmente por estar do meu lado em todos os momentos, cedendo seu colo pra que eu pudesse esconder um choro ou acomodar um sorriso.

Aos meus fieis amigos do peito, aqueles que não preciso citar nomes, por que sabem quem são e o quanto são especiais pra mim.

Meu respeito e admiração à Faculdade de Patos de Minas, honrados professores e colegas que compartilham junto comigo a alegria, angústia e ansiedade de alcançar este objetivo em comum.

Ao mestre Leonardo Carrijo Ferreira, por me aceitar como sua orientanda e por partilhar comigo seu tempo, apoio e ensinamentos.

A vocês, que constituíram parte essencial no caminhar desta jornada, agradeço de todo o meu coração por terem tornado esse sonho possível.

Não há despertar de consciência sem dor. As pessoas farão de tudo, chegando aos limites do absurdo para evitar enfrentar a sua própria alma. Ninguém se torna iluminado por imaginar figuras de luz, mas sim por tornar consciente a escuridão.

Carl Jung

PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE: resgatando saberes no processo psicoterápico

PSYCHOLOGY AND SPIRITUALITY: rescuing knowledge in the psychotherapeutic process

Raíssa Mendes Cândido Mourão¹

Graduanda do Curso de Psicologia. Faculdade Patos de Minas.

Leonardo Carrijo Ferreira²

Mestre em Psicologia. Faculdade Patos de Minas.

RESUMO

Desde que se tem conhecimento, crenças e práticas espirituais têm constituído grande influência na maioria das sociedades e civilizações. A psicologia e a espiritualidade podem ser entendidas como dois universos simbólicos que usam conceitos diferentes de construção de saberes, mas apesar das diferenças não são, necessariamente incompatíveis. No passado, a espiritualidade e a religiosidade eram usadas como ferramentas para a cura da alma, das desordens mentais e problemas físicos, porém, com o advento da ciência mecanicista, o modelo biomédico passou a ser predominante no cuidado à saúde mental, afastando a atenção da dimensão transcendente dos estudos em psicologia. O presente artigo na forma de pesquisa bibliográfica teve como objetivo discutir a importância de se resgatar o fator espiritual no processo psicoterápico. Atualmente, diferentes profissionais têm reconhecido a seriedade da dimensão espiritual para a saúde. Não dirigir este olhar integrador ao ser humano é algo que desacredita e nega suas experiências de transcendência. Por isso, torna-se imprescindível que o serviço de psicologia se abra às experiências espirituais de seus clientes, favorecendo e contribuindo para o desenvolvimento da terapia.

Palavras-chave: Espiritualidade. Religião. Psicologia. Psicoterapia.

¹ Orientanda

² Professor Orientador. Docente do DPGPSI/FPM

ABSTRACT

Since it has been knowledge, spiritual beliefs and practices have constituted great influence in most societies and civilizations. Psychology and spirituality can be understood as two symbolic universes that use different concepts of construction of knowledge, but despite their differences, are not necessarily incompatible. In the past, spirituality and religiosity were used as tools for the healing of the soul, mental disorders and physical problems, however, with the advent of mechanistic science, the biomedical model has become predominant in the care of mental health, pulling away the attention of the transcendent dimension of psychology studies. This article in the form of bibliographic research aims to discuss the importance of rescuing the spiritual factor in the psychotherapeutic process. Currently, different professionals have recognized the seriousness of the spiritual dimension to health. Not to direct this integrator look to the human being is something that discredits and denies their transcendence experiences. Therefore, it is essential that the psychology service is open to spiritual experiences of their customers, promoting and contributing to the development of therapy.

Keywords: Spirituality. Religion. Psychology. Psychotherapy.

INTRODUÇÃO

No decorrer da história da humanidade observa-se que a espiritualidade e a religiosidade fizeram parte de um número bastante extenso de culturas e civilizações (1). A busca da cura, seja de doenças físicas ou mentais, se dava na antiguidade através de rituais, rezas, simpatias e orações. Buscava-se também explicar os problemas de ordem emocional e mental através da espiritualidade. Assim, a ligação entre o cuidado terapêutico e a espiritualidade se faz presente desde tempos imemoriais.

Porém, com o advento da ciência e da razão como centro do pensamento ocidental, houve um afastamento do cuidado terapêutico e a espiritualidade, pois o modelo biomédico havia ocupado lugar de prevalência no cuidado à saúde. No cuidado de conseguir cientificidade, a Psicologia distanciou de seu campo de estudo os conhecimentos ligados à temática (2). Assim, a psicologia foi criada e mantida de

acordo com a lógica mecanicista, não apenas fundada na questão do dualismo mente-corpo, mas também rejeitando tudo aquilo que não podia ser cientificamente investigado e provado (1).

Pesquisas atuais correlacionam a espiritualidade ao bem-estar, à maior capacidade de enfrentamento frente a doença e a morte, à menor frequência de comportamentos que trazem riscos à saúde, bem como maior eficácia no tratamento a dependentes químicos quando estes apresentam maior ligação com a espiritualidade, e ainda é relacionada a aspectos positivos da vida, depressão e resiliência (1). O fortalecimento da espiritualidade também tem sido usado como estratégia de enfrentamento do estresse obtendo resultados positivos (3).

Demais investigações no meio científico têm demonstrado que a religiosidade não deve ser sempre considerada como fonte de indivíduos neuróticos, mas que esta, quando fundamentada na realidade, repercute positivamente, auxiliando na melhora e recuperação do cliente (4).

Assim, concomitante com as pesquisas e vivências terapêuticas, a atenção à dimensão espiritual do ser humano tem sido reconhecida no processo psicoterapêutico.

Os temas relacionados à espiritualidade e religião fazem parte do discurso das pessoas que procuram o serviço de psicologia. Porém, a religiosidade enquanto constituição da subjetividade acabou por ser tratada com superficialidade tanto por acadêmicos quanto por profissionais da área que não foram preparados para lidar com esta importante dimensão do ser humano (2). A ciência convencional tem contribuído para a negação da dimensão espiritual? O serviço de psicologia deve estar aberto para a escuta da capacidade transcendental do cliente? O psicólogo está preparado para lidar com esta questão, respeitando os limites éticos da sua profissão? Há uma possível necessidade de se rever, reformular e adaptar os paradigmas que norteiam a psicologia enquanto ciência, afim de que haja uma melhor compreensão do ser humano.

A questão de a espiritualidade estar presente na psicologia cultiva a ideia de um olhar mais abrangente e integral do ser humano a fim de respeitá-lo e compreendê-lo melhor. Busca-se incorporar e adaptar antigos saberes ao processo psicoterápico para que haja uma completude de significados tanto para o cliente, quanto para o terapeuta. Deste modo, o presente artigo suscitou cinco questionamentos principais: as dimensões do ser humano; histórico e observações;

psicoterapia e espiritualidade: caminho ocidental; espiritualidade e psicoterapia: o caminho oriental; mística e ciência: um caminho de possibilidades.

METODOLOGIA

Foi feita uma pesquisa bibliográfica através de uma análise na literatura em forma de artigos e livros, entre outros escritos sobre a temática que envolve a psicologia e a espiritualidade. Estes foram publicadas no idioma português e inglês, preferencialmente entre os anos 2000 e 2015, com exceção de algumas obras clássicas. O material foi obtido por meio do uso das seguintes palavras-chave: Espiritualidade, Religião, Psicologia e Psicoterapia.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

AS DIMENSÕES DO SER HUMANO

Em toda a complexidade do ser humano pode-se entendê-lo em quatro principais dimensões: corporal, psicológica, social e espiritual.

Por muito tempo acreditou-se que o corpo era o próprio homem e o homem, por conseguinte, seu próprio corpo. “Sob a influência do materialismo científico, tudo quanto não se pode ver com os olhos, ou apreender com as mãos, é posto em dúvida, e, suspeito de metafísico, torna-se comprometedor.” (5) Só era aceitável como científico aquilo que poderia ser observado e acessível ao mundo material. Assim, os pensamentos, o modo como cada pessoa percebe e define o mundo era o resultado de como cada corpo utilizava seu sistema nervoso.

Atualmente, de acordo com a perspectiva existencialista, a dimensão corpórea pode ser entendida como a parte que expressa a presença imediata do homem no mundo, por meio do corpo ele pode se expressar enquanto sujeito, não

se limitando apenas ao simples funcionamento de sistemas físicos e biológicos, mas por sistemas que exprimem a intencionalidade de um ser vivente (6). É proeminente dizer que é preciso ter uma compreensão do corpo tanto científica, quanto existencialista, sem anular uma parte para aceitar a outra. Logo, este corpo pode ser considerado como a primeira dimensão do homem.

A segunda dimensão revela o psicológico, parte que engloba a singularidade do ser, seus sentimentos, emoções, pensamentos, desejos, necessidades e personalidade, é aquilo que torna cada pessoa única. Compreende a procura pela autorrealização, levando o indivíduo a um desenvolvimento criativo da sua psique. Entende-se que esta é “[...] a dimensão do homem que possibilita subjetivar a realidade, ou seja, tornar sua a realidade.” (6).

O social refere-se à dimensão da interação do ser com o mundo, é onde estão formados laços afetivos: pais, filhos, colegas de trabalho, amigos, namorada/namorado, esposo/esposa, entre todas as pessoas que se convive e cerca-nos. Acredita-se ter grande influência em como o comportamento é formado através do ambiente familiar, escolar, religioso, entre outros. Todas as outras dimensões são influenciadas e articuladas pelo social (6). Assim, pode-se afirmar que o ser humano é um ser social e precisa não apenas do contato com outras pessoas, mas também do afeto e empatia.

Por último, considera-se a dimensão espiritual. Crenças, práticas religiosas e espirituais sempre fizeram parte da história da maioria das culturas. Até a Era Moderna a religião ocupava um espaço bastante relevante em vários aspectos do existir humano, sua ‘especialidade principal’ sempre esteve relacionada aos processos mais profundos da psique humana (7).

O homem vive como Consciência; como consciência das coisas, mas sobretudo é evidente, como consciência de si. Ele faz de sua própria existência o objeto maior de sua reflexão, sob o impulso mesmo de seu ser- conhecedor e de sua inteligência inquieta. Numerosas são as interrogações que ele acumula nesse esforço visando conhecer-se a si mesmo e descobrir a arquitetura de sua existência. Ele se pergunta o que significa *ser*, e por que ele *é*, por que e como ele chegou a se inserir na existência. (8).

Percebe-se certa dificuldade na compreensão da distinção entre religião e espiritualidade, onde por vezes dá-se a um o significado da outra. “Espiritualidade’ é um termo abstrato, derivado do adjetivo ‘espiritual’. Apesar da origem claramente

latina, esse adjetivo não existia no latim clássico. Foi forjado pelo latim da Igreja.” (9). A religiosidade está na maneira como se vivencia a relação com o sagrado, com o transcendente; busca-se o religioso muitas vezes por meio de milagres ou uma divindade onde se procura alcançar a cura de uma doença ou a resolução de algum problema cotidiano (6).

Por outro lado, a espiritualidade não se relaciona fundamentalmente a um tipo de fé ou a um Deus específico. O termo ‘espírito’ não se refere nomeadamente a uma divindade, e sim, a habilidade de refletir sobre si mesmo, a capacidade de autoconsciência. Assim, o ser humano pode ser considerado um ser espiritual, já que evidencia essa competência (10). A religiosidade e a espiritualidade se convergem no ponto em que uma se utiliza da tradição, autoridade e autonomia, enquanto a outra se utiliza da visão integradora e a construção de sentido para desvendar as maiores perguntas da humanidade (9).

Desta forma, a espiritualidade não engloba necessariamente dogmas, ritos ou celebrações, estes são apenas meios capazes de ajudar na espiritualização do indivíduo (11). Pode ser compreendida como o modo de vivência e posicionamento do sujeito frente aos acontecimentos, uma esfera ativa em seus atos de liberdade que visam à realização de um objetivo e/ou uma explicação para o sentido de viver.

Ela encontra-se como um conjunto de emoções, convicções e crenças da pessoa sobre a preocupação com o seu eu interno (subjetivo) e abarca questões como o significado da vida e o sentido de viver.

PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE: histórico e observações

A psicologia ao mesmo tempo em que é uma das ciências mais modernas, é também uma das mais antigas, visto que pesquisas sobre o comportamento humano e sua natureza remontam ao século V a.C., quando alguns filósofos como Platão e Aristóteles já se empenhavam em resolver problemas que são de interesse dos psicólogos até os dias atuais (12).

Acredita-se que a Filosofia seja o berço da Psicologia por tratar de assuntos relacionados à psique humana, pensamentos e alma. “Os filósofos gregos

estavam convencidos que a realidade sensível, a qual nossos sentidos dão acesso, não é a última realidade conhecível.” (13). Para Sócrates, a alma é entendida como consciência; assim, ela não simboliza um traço externo do mundo, mas é compreendida como parte do interior do homem, a alma como entidade pensante que conduz o ser na sua moralidade (14).

Pela etimologia da palavra psicologia (psyché, ‘alma’ - logia, ‘estudo’), emprega-se seu significado à compreensão da alma, sendo a proposta original da psicologia, estudar e compreender o espírito. Neste sentido, pode-se citar importantes nomes como Karl Theodor Jaspers, Karl Raimund Popper e Martin Heidegger, por suas contribuições a respeito da dimensão transcendente do ser humano. “Transcendência necessariamente não significa religiosidade, mas, sim, algo que está para além.” (13). “Para Heidegger a autotranscendência é constituinte fundamental do homem [...]” (14). Esta pode ser entendida como o movimento onde o ser humano ultrapassa e supera a si mesmo como objetivo de atingir um estado superior, de felicidade, de realização ou de perfeição.

O homem está em condições de sair de si mesmo, sobrevoar todo o mundo da experiência, avaliar e julgar o presente e o passado e antecipar o futuro, por que traz em si um elemento de imaterialidade, ou melhor, de espiritualidade. (15).

O Renascimento, movimento cultural e científico do século XIII, despertou o interesse da ciência para o estudo do homem em suas possibilidades latentes. A busca por uma liberdade individual, privilegiando o poder da razão para a reforma da sociedade criou um corte epistemológico entre religião e espiritualidade, fé e razão (16).

Posteriormente sob a lógica mecanicista do século XVII “Descartes e outros filósofos adotaram os robôs como modelos para os seres humanos. Para eles, o ser humano funcionava assim como o universo, ou seja, igual ao mecanismo do relógio.” (12).

Wilhelm Wundt, considerado o fundador da ciência psicológica, concebeu o estudo da psicologia através de seu interesse em fisiologia, sintetizando suas ideias entre os anos de 1858 e 1862 (12). Para que a psicologia fosse firmada como ciência, foi necessário que a observação e a experimentação de seu objeto de estudo, (o humano) fosse reduzida ao nível físico e biológico. Seu estudo cresceu e foi nutrido num contexto onde só poderia ser estudado aquilo que era possível

analisar empiricamente, o que favoreceu o distanciamento da psicologia em relação ao estudo do 'não-palpável'.

“Aos poucos, as descobertas científicas foram agregando poderes aos cientistas, levando-os à progressiva deificação da própria ciência e ao gradual distanciamento de concepções, ensinamentos e crenças religiosas.” (17).

Salvo que o método científico utilizava-se da racionalidade enquanto a única função válida para explicação dos fenômenos psicológicos, os primeiros sanatórios destinados a cuidar de doenças mentais foram organizados por monges e sacerdotes.

“O tratamento 'moral' (que valorizava o papel da religião e as contribuições dos clérigos nos cuidados) tornou-se o tipo dominante de cuidado psiquiátrico nos Estados Unidos e na Europa no começo do séc. XIX.” (18).

Entretanto, com o porvir da história, no período pós-guerra principalmente (1945), surgiram alguns incômodos provindos das catástrofes, perdas, destruições e miséria, onde se iniciou um questionamento quanto à observação do ser humano através do modelo mecanicista (19).

“Frente às limitações do método cartesiano, novas concepções surgiram, não mais sob o pressuposto de ordem universal inflexível, mas sob a ousadia de entender o que antes era admitido como caótico.” (17).

O cenário começou a mudar no início do século XX com os escritos de Sigmund Freud na psiquiatria e de G. Stanley Hall na psicologia.

Apesar de ter sido ateu, Freud, paradoxalmente, mostrou um grande interesse pelo estudo do fenômeno da religião e suas manifestações, trabalhando seriamente para interpretar a natureza e as origens da religião empregando elementos psicanalíticos (20). Seu posicionamento, porém, era frequentemente divulgado de forma negativa, para ele Deus corresponderia à dependência da figura do pai. A psicanálise forneceu a explicação de que a crença em Deus estaria intimamente relacionada ao complexo do pai. Deus, psicologicamente, não seria nada mais do que a exaltação do pai (21).

Contudo, o pensamento mais antigo da ligação entre espiritualidade e saúde reaparece no campo da ciência psicológica. Viktor Frankl e Carl Gustav Jung na psiquiatria, trouxeram contribuições importantes para que a espiritualidade fosse estudada e aceita nos ramos da psicologia.

Especificadamente para Frankl, a motivação primária do existir humano é a busca pelo significado da vida (22) e ainda “[...] fala do ‘Deus Inconsciente’ em virtude de que existe uma espiritualidade inconsciente, uma moralidade inconsciente e uma fé inconsciente.” (23).

Jung assumiu estudos sobre religião, alquimia, simbologia e parapsicologia e possibilitou a visão do fenômeno espiritual através das suas teorias, como o arquétipo, o inconsciente coletivo e self. “Jung afirma que independente ou não da existência de um ser divino, sua imagem existe interiormente.” (24).

O mundo exterior e Deus são as duas experiências primordiais, sendo uma tão grande quanto a outra e tendo ambas mil nomes... São desconhecidas as suas raízes. A psique as espelha. É talvez neste ponto que elas se tocam. (25).

Como “[...] psicólogo adiante do seu tempo por suas revolucionárias concepções, antecipou em décadas várias tendências assumidas hoje pelo movimento transpessoal.” (26).

Considerada como a terceira força da psicologia, após o behaviorismo e a psicanálise, a corrente humanista teve como seus precursores Abraham Maslow e Carl Rogers. Estes apresentaram teorias semelhantes quanto ao conceito da autorrealização, retomando aspectos existenciais da subjetividade do ser humano. Maslow já adiantava que a psicologia humanista, era apenas transitória, sendo esta uma preparação para a chegada de “[...] uma Quarta força, ainda ‘mais elevada’, transpessoal, trans-humana [...]” (27). Isto posto, entende-se que a psicologia transpessoal não surgiu em oposição ao humanismo, mas, é entendida como a ampliação deste movimento.

Considera-se a corrente transpessoal como o primeiro movimento da psicologia que destina todo o seu foco de estudo para a dimensão espiritual do humano. Antes dela a espiritualidade era frequentemente negada ou reduzida a outras derivações, como a sexualidade sublimada; os transpessoais utilizam-se do termo ‘espiritual’ tomando-o emprestado da religião, pois, a falta de interesse da psicologia pelo assunto, não propiciou a este e outros vocábulos a utilização de um termo próprio (26).

“O discurso muitas vezes rejeitado de profissionais da saúde em busca da atenção a essa dimensão humana começa aos poucos a ter como aliado a própria ciência (ou metodologia) que por ventura a excluiu.” (28). Nesse sentido,

movimentos começaram a retratar a espiritualidade em seus estudos e cientistas despertaram seu interesse por essa variável.

Salienta-se também que no ano de 1988, a Organização Mundial de Saúde (OMS) incluiu a dimensão espiritual no conceito multidimensional de saúde, abrangendo questões como o sentido e significado da vida e não se restringindo a nenhuma crença ou prática religiosa específica (29).

Nas universidades norte-americanas também passaram a ser vinculados estudos sobre a espiritualidade. Em 1993, apenas cinco escolas possuíam a disciplina religião/espiritualidade, este número subiu para mais de cem nos últimos quinze anos (30).

No Brasil, estudiosos estão trabalhando na validação de uma escala Spirituality Self Rating Scale (SSRS), que pretende avaliar como a espiritualidade influencia a vida dos sujeitos e como estes a aplicam em suas vidas (31).

Importantes universidades brasileiras também têm aberto espaço para o estudo da temática, como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que abriga o Núcleo Avançado de Saúde, Ciência e Espiritualidade (NASCE), criado em 2006, este busca conduzir cientificamente o estudo sobre a espiritualidade e sua influência na saúde (32).

Pode-se citar também Alexander Moreira-Almeida, professor de psiquiatria da Faculdade de Medicina de Juiz de Fora (UFJF), por suas contribuições em vários artigos e congressos, bem como sua direção do Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde na mesma universidade (33).

Na atualidade, o interesse da psicologia pela espiritualidade também incluiu ao Manual Diagnóstico e Estatístico das Doenças Mentais (DSM), a espiritualidade dentre as categorias que podem ser o foco da atenção clínica, distinguindo problemas espirituais dos religiosos (34).

“Pensar o ser humano desprovido de alma parece um reducionismo exagerado ao material, de forma que a evidência de fatos extra-materiais torna possível perceber que a constituição humana transcende a realidade física.” (14).

Compreende-se, pois, “[...] o fato de a saúde e de a espiritualidade estarem interligadas no decorrer da história – ambas lidam com o que é humano em sua essência, portanto, abordar ambas se torna não só natural, como óbvio.” (26).

PSICOTERAPIA E ESPIRITUALIDADE: o caminho ocidental

Da antiguidade até os dias atuais, o ser humano aperfeiçoou seus conhecimentos e fez grandes descobertas, superando os outros animais em sua capacidade de raciocinar e construir, acarretando o progresso material e científico. Eventualmente, acontecimentos históricos e a cultura de cada povo movimentou a trajetória científica de modos distintos. Assim, percebem-se diferenças e particularidades quanto à compreensão e utilização da dimensão espiritual pelos caminhos oriental e ocidental.

O movimento científico pós-moderno teve como seu precursor René Descartes que por sua vez teve seu pensamento construído e influenciado de acordo com a visão mecanicista exigida no seu tempo. Este filósofo é considerado por muitos o pai da filosofia e matemática moderna e é estimado como um dos pensadores mais admiráveis e influentes do pensamento ocidental. Este concebe a ideia do dualismo, onde propõe que mente e corpo são entidades separadas. “O dualismo cartesiano tem influenciado o pensamento filosófico e a pesquisa científica, em particular a inteligência artificial.” (35).

No ocidente observa-se um histórico de conflitos entre religião e ciência desde a Revolução científica do século XVI, neste modelo a explicação das doenças supervalorizava os aspectos físico-biológicos e desviava sua atenção dos aspectos psicológicos, espirituais e sociais, o que contribuiu para a preeminência do enfoque biomédico (36).

Igualmente, a ciência desenvolveu-se no caminho ocidental de acordo com a lógica racional, onde a razão ocupa lugar privilegiado na organização da sociedade. Compreende-se então que, “[...] a partir da civilização grega, quando assistimos ao nascimento da filosofia, o sol que passará a iluminar todas as atividades do homem será a razão.” (06).

Immanuel Kant, importante filósofo dos meados de XVII e XVIII, atuou como forte influência num período em que o movimento denominado Iluminismo passou a ocupar um lugar privilegiado na construção ciência. Este movimento caracterizava-se pela crítica a todo tipo de crença e tentava conciliar a fé na razão do homem, incitando e propagando o ‘pensar por si mesmo’ (37). A grande questão de Kant é que este pretendeu elevar o conhecimento da razão ao ir além da

metafísica tradicional, propondo que o mundo é conhecido através da experiência sensível, mas também de uma estrutura lógica e racional que organize estes conhecimentos. (38).

Visto o crescimento da corrente científica (razão), houve paralelamente, um declínio da religião enquanto fonte de dogmas e saber. Consequentemente, houve também um afastamento do ser humano da dimensão espiritual, já que, considera-se que “[...] a essência do cristianismo é constituída pela relação com o transcendente.” (06).

O sujeito, frente ao sofrimento, solidão, ou frente a questões de caráter existencial, procura respostas para seus questionamentos, tais como: “Qual o sentido da vida? ’, ‘O que deseja para você enquanto ser humano? ’, ‘Quais os valores reais da vida para você? ’, ‘Tem alguma crença em algo superior? ’” (01).

Tais questionamentos permearam também a trajetória de vida do escritor existencialista Kierkegaard. Este, a partir da crítica ao movimento cristão dinamarquês, coloca em pauta questões sobre a forma como a religião era vivida e pregada, sem a intenção de descreditar o cristianismo, mas explicá-lo em um novo sentido. Para este filósofo o ato de fé é determinado pela espiritualidade, pela relação com o sagrado e pela devoção à religião, que, segundo o mesmo, consistiria na prática do amor ao próximo e não a aspectos dogmáticos que incitam poder e autoridade aos homens. (39).

Diante da precariedade da vida, da finitude da experiência humana, do enigma da morte, diante das perguntas sem resposta que jorram de tantas vivências humanas dramáticas, o coração e a mente de todo homem é levado a buscar e a encontrar o significado profundo, o sentido verdadeiro da vida e da história. Significado e sentido que abrem a perspectiva da transcendência, e da espiritualidade [...] (13).

A fé e a religiosidade também podem servir para preencher um vazio por uma doença grave, pela morte que se avizinha ou que já acometeu alguém amado (40). “O ser humano é nutrido pela sua finitude, não só porque destinado à morte, mas porque esta constitui a sua estrutura.” (13). Sendo assim, a relação do homem com a morte também é um fator que favorece a ponte de ligação entre a espiritualidade e a prática clínica ocidental.

Jung, já chamava a atenção para as semelhanças entre o cuidado religioso e terapia, assinalando a religiosidade como o sistema terapêutico mais

antigo (25). Na mesma época, Wilhelm Reich (psicanalista que fez parte da equipe de Freud) desenvolveu sua teoria a respeito do conceito energético. Reich, através de experimentos analisou que o psíquico e o somático (corpo) estão interligados e manifestam-se simultaneamente, em síntese, concluiu que o mental e o físico são processos unitários que estão ligados por um processo energético (41). Alexander Lowen, ex-aluno de Reich, dá continuação a este estudo simplificando que “[...] a energia é a força que está por trás do espírito e, portanto, a base da espiritualidade do corpo.” (41).

Na atualidade o trabalho do psicólogo poderá contribuir para oferecer ajuda no cuidado à ressignificação da dor da morte e medo da mesma, sentido da vida e culpa perante um ser superior (42). Pesquisas atuais concluem, por exemplo, que a fé na continuação da vida depois da morte associa-se a um menor grau de sintomas como a ansiedade, depressão, paranoia, entre outros, o que influencia positivamente a qualidade de vida e implica melhores resultados na psicoterapia (43).

Frente a estes e outros conflitos, a busca pelo resgate da interioridade do indivíduo trouxe para o campo de estudo da psicologia vivências religiosas e questionamentos espirituais.

Com o objetivo de tratar sintomas emocionais, “[...] além de promover o crescimento e o desenvolvimento da personalidade, surgiram, em meados do século XIX, as psicoterapias do ocidente.” (44).

Incide que, na atualidade, a pessoa que necessita de apoio não procura mais o sacerdote, mas sim profissionais da saúde, o médico, o psicólogo, o neurologista, onde ali se espera encontrar um entendimento sobre seus problemas da vida, é aí que, os especialistas muitas vezes acabam tendo que adotar e admitir questões que frequentemente são de caráter genuinamente espirituais (45).

Portanto, houve um disparate onde as questões de ordens subjetivas deram lugar a explicações científicas. Porém, os profissionais da área da saúde não assumem este lugar. “Nenhum psicólogo diria que o assunto-objeto de seu estudo é a alma, mas se lhe perguntarmos o que é a alma, certamente não saberia dar facilmente uma resposta.” (46).

Este fato possivelmente se dá, visto que, embora a quantidade de pesquisas dedicadas a investigar a relação positiva da espiritualidade e o processo psicoterápico, essa relação ainda não encontra relevância na formação do

profissional em psicologia (29). Nas experiências do cotidiano pode-se dizer que a maioria dos psicoterapeutas não tem ciência que ocupam o lugar que já foi de alguém, pois é uma prática comum que as questões espirituais sejam rejeitadas e negadas na psicoterapia, onde o terapeuta frequentemente faz o desempenho de guiar um cego, sendo ele cego também (45).

Estamos em um imenso campo “biopsicossocioespiritual”; portanto, temos de nos relacionar bem com o nosso interior como seres que tem corpo, uma psique, um social e também uma dimensão transcendente. Se essas quatro dimensões não estiverem presentes no ato terapêutico, o encontro não ocorre, a consciência não se amplia, a totalidade não se faz e o fenômeno é renegado. (47).

Compreende-se, pois, que o olhar do terapeuta do ocidente diante do fenômeno transcendental e espiritual é de suma importância, pois respeita o outro em toda a sua totalidade e singularidade. Trata-se do reconhecimento desta dimensão como parte integrante e estrutural do ser. Porém, integrar a espiritualidade dos pacientes na terapia exige ética, profissionalismo, conhecimento e habilidades para que as informações coletadas sejam usadas adequadamente a favor do processo psicoterápico.

Por esse motivo, a Associação Psiquiátrica Americana lançou um guia de orientação aos terapeutas para uma melhor compreensão e respeito empático para abordar crenças religiosas, reforça-se o treinamento do terapeuta e a atenção à pessoa e não apenas à doença, assim, pretende-se a redução de dificuldades éticas associadas (48).

ESPIRITUALIDADE E PSICOTERAPIA: o caminho oriental

Visto que a espiritualidade está presente na maioria das culturas e civilizações, esta se encontra, contudo, mais forte em alguns territórios visto a trajetória dinâmica da ciência. “Muito antes de ser apontada e concebida a expressão Humanismo, a China já praticava uma forma de filosofia humanista de vida.” (49). Observa-se que no ocidente predomina o pensamento científico como modelo para o estudo e explicação das doenças e comportamentos humanos, bem

como, há uma ruptura entre filosofia e espiritualidade; em contrapartida, no oriente, não se faz esta separação, filosofia e espiritualidade são entendidas como um modo de viver e compreender a existência humana (16). “O pensamento religioso no oriente caracteriza-se por associar o espírito ou a espiritualidade com uma perspectiva energética do corpo.” (41).

O caminho oriental busca a concepção do homem com a natureza e engloba o desenvolvimento da mente e também do coração (06).

O caminho do oriente visa a construção da interioridade, que busca desenvolver práticas que vão possibilitar ao ser humano cultivar uma interioridade. No ocidente, ao contrário, o que assistimos na atualidade, principalmente nesta época dita pós-moderna, é um cultivo da exteriorização. Um caminho que descentra o homem. (06).

Ao contrário da cultura ocidental, o poder da razão não separa o ser humano da vivência transcendental.

Algumas das práticas orientais mais conhecidas têm sido usadas na atualidade como aliadas do tratamento psicoterápico. Pode-se citar a meditação, sendo esta “[...] uma prática muito antiga, com origem nas tradições orientais, estando especialmente relacionada às filosofias do yoga e do budismo.” (50). A Ioga é entendida como “[...] um sistema filosófico milenar originário da Índia, cujo objetivo principal é o desenvolvimento da união entre corpo e mente [...]” (51). A acupuntura também ganhou seu espaço sendo esta uma “[...] técnica milenar da medicina chinesa, tem despertado interesse nos mais diversos pesquisadores ocidentais e, entre eles, nos profissionais da Psicologia, em virtude da sua ênfase numa visão holística e integradora do ser humano [...]” (52).

De acordo com a abordagem bioenergética, da qual a acupuntura está compreendida, a doença não é um acontecimento isolado no corpo. A acupuntura entende a conexão mente-corpo como um meio de interação entre sistemas fisiológicos com os aspectos emocionais (52).

O budismo, além de ser uma religião originária da Índia, também é considerado um sistema filosófico por seus ensinamentos. Pode-se dizer que seu pensamento aproxima-se da psicologia positivista visto que “[...] pode-se entender o budismo como uma busca da compreensão da verdadeira essência do ser, diferente do ego condicionado, e o caminho para uma realização existencial através de uma autoconsciência de si.” (16). A psicologia budista, pois, concebe a ideia de que a

felicidade não está na satisfação das necessidades materiais e aponta que o caminho da libertação está no desapego às coisas mundanas (16).

Assim, entende-se que o caminho do oriente proporciona uma maior interiorização do indivíduo com os cuidados da saúde corporal e mental, onde a espiritualidade é pensada como fator importante para se alcançar a felicidade e uma vida plena de sentido.

“Um dos grandes males do início do novo milênio é a perda da interiorização. Essa sede de práticas orientais é o sintoma de que a espiritualidade oriental tem algo a dizer ao homem ocidental.” (06). Não obstante, no caminhar da modernidade, a busca pelo resgate do subjetivo e o respeito por esta dimensão intrínseca do ser humano tem sido valorizada como uma importante peça no auxílio à psicoterapia.

MÍSTICA E CIÊNCIA: um caminho de possibilidades

São evidentes as diferenças existentes entre a ciência e a espiritualidade. Estas se contrapõem em vários aspectos e percebe-se no mundo contemporâneo uma ‘guerra fria’ onde ambas procuram mostrar e provar a qual lado pertence a razão. Quanto a fé como a ciência marcaram importantes momentos na história da humanidade e dominaram ou condenaram a geração do período ao qual imperavam. A espiritualidade “[...] se orienta para uma região invisível e transcendente, interna ao indivíduo.” (53) Já a ciência “[...] estuda o mundo tal como ele se oferece aos nossos cinco sentidos e ao cérebro [...]” (53).

Mas, permanece a incógnita: qual das duas perspectivas estaria correta? É possível que a ciência moderna consiga abarcar sozinha todas as possibilidades do existir humano? Será ainda admissível que a espiritualidade desvende todas as perguntas e cure todos os males?

À procura de respostas, a ciência acabou por se aproximar de raízes religiosas pela necessidade de estudar e compreender o mistério e a complexidade daquilo que os olhos não podem enxergar.

Um exemplo que tem tomado grande espaço atualmente é o estudo da física quântica que “[...] recentemente, conseguiu penetrar este mundo do micro e do

macrocosmo, por meio de experimentos e equipamentos avançados.” (54). “A espiritualidade é vista derivada de certos postulados e experimentos da física moderna, particularmente da mecânica quântica, cujos resultados apontam para a desmistificação do materialismo científico clássico.” (54).

Entre muitos estudiosos, Amit Goswami é um ativista quântico que ficou bastante conhecido justamente pela aproximação do seu estudo científico à bases espirituais. O cientista propaga a ideia de que a física quântica pode mudar a visão sobre o mundo, a partir do pressuposto de que a consciência não é constituída de matéria, mas o contrário. Esta nova vertente acredita que tudo existe na consciência e é por ela manipulado, incluindo o mundo material que se vê, vive e sente (55). Amit e outros físicos pretendem provar cientificamente que a mente tem primazia sobre a matéria e não o contrário, seus estudos tocam em questões como a vida imortal e reencarnação, desafiando a metodologia da ciência tradicional, pois, “[...] se essas coisas são reais, então a alegação materialista de que ‘nada existe além da matéria’ é diretamente falseada.” (56).

Dentre as práticas psicoterápicas que visam o encontro com a espiritualidade, pode-se citar algumas terapias conhecidas como alternativas. Estas podem ser entendidas como alternativas à Psicologia por pretender solucionar problemas que na maioria das vezes são reservados ao cuidado do psicólogo tradicional. “Os recursos explicativos das práticas alternativas, ao contrário das teorias científicas, contém elementos místicos, religiosos ou supersticiosos.” (57). Pesquisas afirmam que a atenção a este recurso das terapias ditas alternativas não se constitui como um fenômeno de passagem, e sim para um caminho próspero e duradouro (58).

Neste caminho, o Reiki pode ser citado como outra possibilidade conhecida entre a integração do científico e espiritual. Esta prática se caracteriza como uma terapia integrativa e holística, de caráter espiritual, porém não ligado a nenhum tipo de doutrina religiosa (59). “O Reiki significa energia vital universal, é uma técnica japonesa que visa ajudar no reestabelecimento do sistema energético corporal, graças ao estímulo dos processos de cura natural do organismo.” (60). Esta técnica pode ser comumente confundida com o passe magnético por assemelhar-se em suas características transcendentais.

Os florais de Bach constituem uma soma no tratamento alopático. Estes “[...] são uma forma de tratamento que utiliza a energia das flores silvestres para

combater as emoções negativas que provocam doenças.” (61). São apreciados como instrumentos de cura, de sutil à profunda, seu uso é reconhecido em aproximadamente cinquenta países e desde 1956 é aprovado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (62). Acredita-se que o uso frequente dos florais tenha efeito positivo no tratamento adjunto às terapias ocidentais tradicionais.

A Terapia de Regressão a Vidas Passadas (TRVP), também se combina às terapias alternativas e abarca polêmicas no meio acadêmico e religioso por trabalhar com aquilo que não se pode medir e quantificar, “[...] é uma abordagem terapêutica, ainda não vinculada à Psicologia e a Medicina, que tem como hipótese fundamental a realidade do renascimento sucessivo [...]” (63). Esta terapia se compromete a tratar medos, dores, entre outros sofrimentos através do reviver de uma encarnação passada. Em uma sessão de regressão, o indivíduo pode vivenciar uma vida anterior, ter experiências ancestrais, coletivas e arquetípicas (64).

Na literatura encontra-se também um novo elemento que reflete a ligação do ser humano com a espiritualidade: a ecologia. Este curioso aspecto entrelaça o mundo físico (natureza) com o mundo humano, onde ambas, não são separados pela sociedade materialista e se complementam como uma só entidade. “Não é difícil perceber a aceitação de uma ideia holística de saúde, relacionada ao exercício físico, mental e espiritual entre grupos e indivíduos ecologicamente orientados.” (65).

Nesta nova vertente, por vezes denominada como um movimento da Nova Era, a ecologia e a natureza fazem parte de crenças espiritualistas ou religiosas que pretendem situar o ser no mundo através de uma reconexão ecológica. O Deus pensado não é entendido como uma superioridade separada do mundo, mas como um Deus no próprio mundo, existente em toda parte como uma energia; este tipo de ideia tem sido caracterizada como religiões do self (65). Como exemplo pode-se citar a Mística Andina, de tradição indígena pré-colombiana. Esta compreende que a ligação entre os homens e o transcendente não se relaciona como naturezas opostas que vivem mundos distintos, “[...] mas a uma busca constante de comunhão com a natureza, sem mediações que se interponham entre o humano e o divino.” (66).

Entre essas e outras contribuições por vezes não consideradas científicas dentro de uma lógica acadêmica, situa-se um mundo de possibilidades paralelas que pretendem incorporar a psicologia em sua técnica central. Destaca-se a emergência e a constante procura do ser humano de resgatar sua subjetividade

perdida, de buscar respostas e um sentido para sua existência, seja por meio da Psicologia tradicional ocidental ou por caminhos alternativos.

CONCLUSÃO

Os cuidados psicoterápicos devem envolver não apenas a doença ou problema de origem, mas também devem atentar à dimensão espiritual do ser humano que engloba sentimentos, esperança, perspectiva de vida, liberdade, crenças, entre tantos outros atributos subjetivos. Na presente época em que se encontra o poder científico como predominante no cuidado à saúde e bem-estar é também evidenciado a importância do resgate e respeito a este aspecto tão importante que foi negligenciado durante tanto tempo pela ciência materialista.

Pesquisas e evidências crescentes têm mostrado que a espiritualidade, seja manifestada através da religião, ou não, representa um fator importante a ser observado e usado a favor do processo terapêutico.

Se as crenças espirituais podem ser úteis no procedimento da psicoterapia, torna-se uma obrigação ética e uma necessidade terapêutica o respeito a esta vertente. Ainda que o terapeuta não compartilhe da mesma crença deverá este estar aberto para a realidade que o paciente traz e acredita, respeitando-o em sua subjetividade (67, 68).

É fato que, assim como concebeu Freud primeiramente, a espiritualidade e a religiosidade podem funcionar como uma defesa do ser, agindo de forma neurótica ou adaptativa, mas também, como sugeriu Jung, quando bem integrada pode expressar um processo maduro de busca pelo significado da vida.

Não importa se possuímos crenças materialistas ou espirituais, atitudes religiosas ou anti-religiosas, necessitamos explorar a relação entre espiritualidade e saúde para aprimorar nosso conhecimento sobre o ser humano e nossas abordagens terapêuticas. (1).

Diante do desenvolvimento da psicologia enquanto ciência coloca-se estudantes e profissionais frente à problemática de aceitar e de se familiarizar com

as questões de ordem espiritual e transcendental que por ventura constituirão o cotidiano do setting terapêutico.

A união entre a espiritualidade e psicoterapia funciona como um catalizador do processo existencial da pessoa. “Entretanto, não é observado esse entrelaçamento nos cursos de graduação, criando-se uma lacuna na formação.” (1).

Percebe-se também certa dificuldade ao se abordar e discutir o tema no campo da psicologia, possivelmente mais pela preocupação e preconceito sobre o drama das diferenças religiosas e não exatamente pela dificuldade em elaborar um modelo ético e politicamente correto para estudar o assunto.

Compreende-se que a ciência psicológica tem dado seus primeiros passos para a compreensão da dimensão espiritual no ser humano. Embora haja trabalhos teóricos suficientes relacionados ao tema, considera-se necessário trazer a questão transcendente para discussões acadêmicas, visto os dilemas relacionados encontrados na prática clínica.

Espera-se que este trabalho possa servir de contribuição para demais pesquisas na área, abrindo caminho para novos estudos e espaços de discussões, onde o reconhecimento da integração espiritualidade e saúde mental/bem-estar/qualidade de vida, sejam explorados no âmbito universitário com o objetivo de desmistificar saberes à formação dos estudantes de psicologia, bem como esclarecer e possibilitar um olhar mais integrador e humano aos já profissionais.

REFERÊNCIAS

- (1) Silva LM, Muller MC, Ludwig MWB, Facchin THJ. Psicologia Positiva, espiritualidade e saúde: repercussões na psicologia contemporânea. In: Teixeira EFB, Muller MC. Espiritualidade e saúde. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2012. p. 31-46.
- (2) Matos MJV, Ancona-Lopez M. Uma postura ética. In: Rev. Ciência & vida Psique. 2006; 1(1): 74-79.
- (3) Rocha IA, Pinto de Sá NA, Braga LAV, Ferreira Filha MO, Dias MD. Terapia comunitária integrativa: situações de sofrimento emocional e estratégias de enfrentamento apresentadas por usuários. Rev. Gaúcha Enferm. 2013; 34(3):155-162.
- (4) Koenig HG. Religião, espiritualidade e psiquiatria: uma nova era na atenção à saúde mental. Rev. Psiqu. Clín. 2007; 34(supl 1): 5-7.
- (5) Jung CG. O homem à descoberta da sua alma. Porto Alegre: Tavares Martins; 1962.
- (6) Giovanetti JP. O sagrado na psicoterapia. In: Vanguarda em Psicoterapia Fenomenológico-Existencial. Angerami VA. (org). São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2004.
- (7) Macieiro AL, Égido A, Fourage C, Santos GT, Lago JBF, Ortelan JÁ, et al. Ensaio de Religião e Psicologia. São Paulo: Plêiade; 2001.
- (8) Charbonneau P. O homem à procura de Deus. São Paulo: EPU; 1981.
- (9) Paiva GJ. Psicologia e Espiritualidade. Congresso de Psicologia da UNIFIL. Encontros na Psicologia, 2011.
- (10) Salgueiro JB, Goldim JR. As Múltiplas Interfaces da Bioética com a Religião e a Espiritualidade (Coleção Bioética, 11 – 27) Porto Alegre: EDIPUCRS; 2007.
- (11) BOOF, L. Espiritualidade: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante; 2001.
- (12) Schultz DP, Schultz SE. História da psicologia moderna. São Paulo: Cengage Learning; 2008.

- (13) Teixeira EFB. Espiritualidade e técnica: as coisas que estão por detrás das coisas In: Teixeira EFB, Muller MC. Espiritualidade e saúde. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2012. p. 13-29.
- (14) Pegoraro E, Souza J. Concepção e imortalidade da alma em Platão. Tempo e Eternidade na Idade Média. 2010;1676-5818. Disponível em: http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2010_02_02.pdf. Acesso em 20 abr 2015.
- (15) Mondin B.O homem, quem é ele?: elementos da antropologia filosófica. São Paulo: Paulus; 1980.
- (16) Amorim JT. Filosofia existencial e pensamento oriental. In: I Congresso Internacional de Psicologia Existencial. Belo Horizonte: FEAD; 2013. p. 39-55.
- (17) Azevedo ES. Breves considerações na convergência ciência e religião. Caderno CRH, 2013;26(69):469-476.
- (18) Koenig HG. Religião, espiritualidade e psiquiatria: uma nova era na atenção à saúde mental. Rev. Psiq. Clín. 2007; 34(supl 1): 5-7.
- (19) Magnabosco MM. Supervisão e Formação de Psicólogos: reflexões sobre o imaginário e a relação terapêutica. In: I Congresso Internacional de Psicologia Existencial. Belo Horizonte: FEAD; 2013. p. 73-88.
- (20) Maciel KDA, Rocha ZB. Freud e a Religião: Possibilidades de Novas Leituras e Construções Teóricas. Psicologia Ciência e Profissão, 2008;28(4): 742-753.
- (21) Maciel KDA, Rocha ZB. Dois discursos de Freud sobre a religião. Revista Mal-estar e Subjetividade. 2008;VIII(3):729-754.
- (22) Frankl, VE. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Rio de Janeiro: Vozes; 2009.
- (23) Fizzotti E. Conquista da liberdade: proposta da logoterapia de Viktor Frankl. São Paulo: Paulinas; 1996.
- (24) Xavier M. O conceito de religiosidade em C. G. Jung. Rev. Psic. 2006; 37(2):183-189.
- (25) Jaffe LW. Libertando o coração: espiritualidade e psicologia Jungiana. São Paulo: Cultrix; 1992.
- (26) Boainain Junior E. Tornar-se transpessoal: transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers. São Paulo: Summus Editorial; 1998.
- (27) Maslow A. Introdução à psicologia do ser. NovaYork: John Wiley e Sons; 1998.
- (28) Silva LM, Muller MC, Ludwig MWB, Facchin THJ. Psicologia Positiva, espiritualidade e saúde: repercussões na psicologia contemporânea. In: Teixeira

EFB, Muller MC. Espiritualidade e saúde. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2012. p. 31-46.

(29) Oliveira MR, Junges JR. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão dos psicólogos. *Estudos de Psicologia*, 2012; 17(3):469-476.

(30) Benson H, Puchalski CM. Spirituality and healing in Medicine. Disponível em: <http://cme.med.harvard.edu/cmeups/custom/00271464/00271464.htm>. Acesso em 27 maio, 2015.

(31) Gonçalves AMS, Pillon CS. Adaptação transcultural e avaliação da consciência interna da versão em português da Spirituality Self Rating Scale. *Revista Psiquiatria Clínica*, 2009; 36(1):10-15.

(32) Neves A, Falcão C, Ávila E, Cruz F, et al. Quem somos nós: o que é o NASCE? Núcleo Avançado de Saúde, Ciência e Espiritualidade. Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em: <http://nasce-ufmg.blogspot.com.br/p/quem-somos-nos.html>. Acesso em 12 jun 2015.

(33) Moreira-Almeida A. O crescente impacto das publicações em espiritualidade e saúde e o papel da Revista de Psiquiatria Clínica. *Rev de Psi Clínica*. 2010; 37(2):41-42. Disponível em: <file:///E:/M%EDstica/revista%20de%20psiquiatria%20alexander.html>. Acesso em 12 jun 2015.

(34) AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014.

(35) Tomaz C, Giugliano LG. A razão das emoções: um ensaio sobre “O erro de Descartes”. *Estudos de Psicologia*, 1997; 2(2):407-411.

(36) Gobatto CA, Araujo TCCF. Religiosidade e espiritualidade em oncologia: concepções de profissionais da saúde. *Psicol*. 2013; 24(1):11-34.

(37) Aiub M. Pensar por si mesmo. *Revista Filosofia, Ciência & Vida, Caderno Especial Iluminismo*. 2008. Disponível em: http://www.institutointersecao.com.br/artigos/Monica/Kant_e_o_Iluminismo-2.pdf. Acesso em 10 jun 2015.

(38) Marçal ERV. A teoria do conhecimento na modernidade. *Confluências*. 2012; 14(1): 19-41.

(39) Andrade N. Kierkegaard e a religião cristã: o paradoxo da fé e o paradoxo da confissão da fé. *Revista Espaço Acadêmico*. 2012; 128(1): 24-36.

(40) Valle ERM. Psico-oncologia pediátrica: fé e esperança como recursos existenciais. In: *Vanguarda em Psicoterapia Fenomenológico-Existencial*. Angerami VA. (org). São Paulo: Pioneira Thonson Learning; 2004.

- (41) Lowen A. A espiritualidade do corpo: bioenergética para a beleza e harmonia. São Paulo: Cultrix; 1995.
- (42) Elias ACA, Giglio JS. A questão da espiritualidade na realidade hospitalar: o psicólogo e a dimensão espiritual do paciente. *Estud. psicol.* 2001; 18(3):23-32.
- (43) Rocha Filho JB. Metanálises sobre espiritualidade e saúde: a física nos processos de cura. In: Teixeira EFB, Muller MC. *Espiritualidade e saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2012. p. 91-105.
- (44) Peres FPP. Como trauma, a psicoterapia e a espiritualidade convergem? In: Teixeira EFB, Muller MC. *Espiritualidade e saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2012. p. 71-89.
- (45) Ionata P. *Psicoterapia e Religião: casos práticos*. São Paulo: Paulinas; 1995.
- (46) Bertrand R. *Religião e Ciência: Bertrand Russell com uma nova introdução de Michael Ruse*. Ribeirão Preto: FUNPEC; 2009.
- (47) Ribeiro JP. *Gestalt-terapia de curta duração*. 2ª ed. São Paulo: Summus; 1999.
- (48) Tjeltveit AC. The ethics of value conversion in psychotherapy: Appropriate and inappropriate therapist influence on cliente values. *Clinical Psychology Review*. 1986; 6(6):515-537.
- (49) Laureano HJ. *Psicologia Humanista Oriental: A compreensão de uma filosofia do cotidiano*. 2013. Disponível em: <https://estudosorientais.files.wordpress.com/2013/06/psicologia-humanista-oriental.pdf>. Acesso em 08 jun 2015.
- (50) Levine M. The positive psychology of buddhism and yoga: Paths to a mature happiness. In: Menezes CB, Dell'Aglio DD. *Os efeitos da meditação à luz da investigação científica em Psicologia: revisão de literatura*. *Psicol. cienc. prof.* 2009; 29(2):276-289.
- (51) Coelho CM, Lessa TT, Coelho LAMC, Scari RS, Novo Júnior JM, Carvalho RM. Função ventilatória em mulheres praticantes de Hatha loga. *Rev. bras. cineantropom. desempenho hum.* 2011; 13(4): 279-284.
- (52) Vectore C. *Psicologia e acupuntura: primeiras aproximações*. *Psicol. cienc. prof.* 2005; 25(2): 266-285.
- (53) Chopra D, Mlodinow L. *Ciência e Espiritualidade: dois pensadores, duas visões de mundo*. Sextante: Rio de Janeiro, 2012.
- (54) Rodvalho B. *Ciência e fé: O reencontro pela física quântica*. Leya. Rio de Janeiro, 2013.
- (55) Goswami A, Reed RE, Goswami M. *O universo autoconsciente: como a consciência cria o mundo material*. São Paulo: Aleph; 2008.

- (56) Goswami A. A física da alma. São Paulo: Aleph; 2008.
- (57) Gauer G, Souza ML, Molin FD, Gomes WB. Terapias alternativas: uma questão contemporânea em psicologia. *Psicologia ciência e profissão*, 1997, 17, (2), 21–32.
- (58) Toniol R. Energia, holismo e mística: a rede terapêutica alternativa no Rio de Janeiro. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 2012; 32 (2): 193–208.
- (59) Moacir S. Reiki e Espiritualidade. Vitória; 2014.
- (60) Salles LF, Vannucci L, Salles A, Silva MJP. Efeito do Reiki na hipertensão arterial. *Acta Paul Enferm*. 2014; 27 (5): 479 – 84.
- (61) Jesus EC, Nascimento MJP. Florais de Bach: uma medicina natural na prática. *Rev Enferm UNISA* 2005; 6: 32-7.
- (62) Souza MM, Garbeloto M, Denez K, Mangrich IE. Avaliação dos efeitos centrais dos florais de Bach em camundongos através de modelos farmacológicos específicos. *Revista Brasileira de Farmacognosia Brazilian Journal of Pharmacognosy* 2006;16(3): 365-371.
- (63) Lapa H. Tratado de Terapia de Vidas Passadas. 1ª ed. 2012.
- (64) Pincherle LT. Terapia de vida passada: uma abordagem profunda do inconsciente. São Paulo: Summus Editorial; 1990.
- (65) Carvalho ICM, Steil CA. A sacralização da natureza e a ‘naturalização’ do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente & Sociedade*. 2008; XI,(2)289–305.
- (66) Steil CA, Sonemann R. Apropriações indígenas pela Nova Era: A Mística Andina no Brasil. *Religião e Sociedade*, 2013;33(2): 78-101.
- (67) Shanfranske E. Religion and the clinical practice of psychology. Washington: American Psychological Association;1996.
- (68) Peres FPP. Como trauma, a psicoterapia e a espiritualidade convergem? In: Teixeira EFB, Muller MC. *Espiritualidade e saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2012. 71-89.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Autora Orientanda

Nome completo: Raíssa Mendes Cândido Mourão

Endereço: Rua Dorvalina Laurina, nº 33

Bairro: Geraldo Marques

Cidade: São Gotardo

CEP: 38800-000

Telefone de contato: (34)88260275

E-mail: rmourao.c@gmail.com

Autor Orientador

Nome completo: Leonardo Carrijo Ferreira

Endereço: Faculdade de Patos de Minas – Unidade III – Shopping

Rua Major Gote, nº1901

Bairro: Centro

Cidade: Patos de Minas

CEP: 38700-108

Telefone de contato: (34) 96657140

E-mail: p.i.i.h@hotmail.com

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Patos de Minas, 10 de dezembro de 2015.

Raíssa Mendes Cândido Mourão

Leonardo Carrijo Ferreira